O ÚLTIMO HÚNGARO

Odemir Tex. Jr.

"Neste final de semana serão feitas as últimas viagens
de trem de passageiros saindo de Santa Maria. (...)"
- Jornal A Razão, 4 e 5 de fevereiro de 2006 - sab.-dom.

1. O azul contra o azul corta *um peixe na pampa*
a carne verde da pampa.

Um cardume de aço avança
fisgado na linha do horizonte,
onde se retorce o arrebol –
lume da noite que encandeia:

núcleo de convergência

2. Meu pai embarca seu sono *o pai*
de 2ª classe na madeira doída
dos bancos. A mãe lhe alcança
algum alimento entre as mãos
e a tristeza de um último beijo.

(ninguém lê o porvir no silêncio dos lábios.
Coração é lugar de morada,
nunca abandona o sabor da cozinha).

3. O pampa – sentimento de poço *os ossos do pampa*
entre o nadir e o zênite do corpo –
tem de suas verdades, afora
o zimbro sobre os espinilhos,
e a forja do tempo que moldou
os ossos do corpo nos andarilhos.

No pampa, estamos sempre
descalços entre sonhos e rosetas.

4. Eu nunca soube consolar *a mãe*
a tristeza de minha mãe.

(a vida é profecia que não
adivinha a hora da partida;
e o presente, corroído pela espera,
deixa escassos os braços
onde o abandono possa chorar)

Endureci os olhos
no sal represado das lágrimas.

5. *Longitudinal, centrífugo* *o último húngaro*
o Ganz-Mavag trespassa
a espessura do tempo.
E já não é mais a cor sépia

da arquitetura de Budapeste.

De leste a oeste, racha os campos
entre o Minuano e as almas
que aguardam o próximo embarque.

O trem, com sua lâmina de luz,
abre o mar negro da noite, feito milagre.
Desenfreado, cavouca o escuro
na precisão dos trilhos. Tossindo diesel,
respira o frio do inverno,
e no seu rugir ferruginoso
cospe *estrelas inúteis à propulsão.*

(a vida rasga o mero existir.
Meu pai adormece, e penso
que o último sono é sempre
aquele que mais dói no peito)

O sol será sempre uma estrela.

6. Sobre a frieza táctil dos trilhos, *um peixe azul na paisagem*
roda a mascar limalhas e calhaus
esfarelados entre dormentes
e pregos cravos no solo dos idos,

o trem.

Na paisagem,

os postes se prostram solenes
frente ao balanço da terra
adormecida sob seus pés.

(um telégrafo sobrevoa as linhas
para a urgência dos ditos)

7. A morte sempre pesa mais *o pai e a mãe*
na balança daqueles que amam.

Eu sinto saudades de casa
a cada vez que engulo
um alimento marinado no silêncio,

como se o mar e o pampa
fossem um único universo
cravado em meus dentes.

Meu pai se foi para sempre; minha mãe se foi para sempre.
Agora, um cardume de aço à deriva na pampa de nós.
Há uma gare em pedaços a lembrar o derroer dos meus.
Conquanto, permaneço enquanto o ar de minha vida permitir,
porque a mim foi dada a escritura de nossa genealogia.

8. A saudade é um trem que *encruzamento de linhas*

atira-se desenfreado/ nos trilhos livres;

amêndoa de carbono no bojo de uma locomotiva;

um quadro esmaecido que insiste pênsil na parede;

a parte que resiste no cárcere da lembrança.

(mas se o tempo não tivesse cores,

a vida, certamente, teria parado.)